Revista Brasileira de Educação em Geografia
www.revistaedugeo.com.br
ISSN 2236-3904

PENSAR E FAZER GEOGRAFIA: a sala temática como estratégia metodológica para o aprendizado significativo no processo de formação docente

Greiziene Araújo Queiroz
greiziene@gmail.com

Professora Substituta do Departamento de Gografia da Universidade Estadual do Sudoete da Bahia (UESB). Endereço: Estrada Itapetinga, s/n. CEP 45700-000 Itapetinga/BA.

Débora Paula de Andrade Oliveira
deborapaulageografia@gmail.com

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia Universidade Federal de Sergipe (UFS), Campus São Cristóvão. Endereço: Av. Marechal Rondon, s/n - Jardim Rosa Elze. CEP 49100-000. São Cristóvão/SE.

RESUMO

O artigo apresenta uma proposta metodológica aplicada ao ensino de Geografia da Bahia pautada na construção da sala temática.Encontra-se estruturado da seguinte maneira: a *priori,* apresentam-se breves reflexões teóricas pertinentes ao ensino de Geografia e a formação docente. No tópico posterior, são tecidas algumas considerações metodológicas sobre a realização da pesquisa e da elaboração da sala temática, seguidas do relato das experiências vivenciadas em sala de aula e por fim, algumas reflexões sobre a realização da atividade. Compreende-se que esta metodologia permite a ressignificação dos conteúdos, tornando o processo de ensino e aprendizado mais dinâmico e pleno de sentidos, uma vez que os alunos assumem função protagonista no processo. A sala temática se constitui como um espaço de troca e construção dos saberes para professores e educandos.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino de Geografia, Formação docente, Sala temática.

THINK AND GEOGRAPHY: the thematic room as a methodological strategy for meaningful learning in the teacher training process

ABSTRACT

The article presents a methodological proposalapplied to the teaching of Geography of Bahia basedon the construction of the thematicroom. It is structured as follows: there are brieftheoreticalreflectionspertinent to Geographyteaching and teacher training. In the subsequenttopic, some methodological considerations about the accomplishment of the research and the elaboration of the thematicroom are followed, followedby the report of the experienceslived in the classroom and, finally, some reflections about the accomplishment of the activity. It is understood that thismethodologyallows the re-signification of the contents, making the teaching and learningprocess more dynamic and full of meaning, since the students assume a leading role in the process. The thematicroomconstitutes a space of exchange and construction of the knowledge for teachers and students.

KEYWORDS

Teaching Geography, Teacher training, Thematicroom.

Introdução

No limiar do século XXI, quando se pensa em ensino tradicional de Geografia logo nos vem à mente um professor da educação básica, um livro didático e quadro branco repleto de anotações. No entanto, o ensino tradicional também é realidade nas universidades onde, muitas vezes, as aulas apresentam-se enquadradas em *slides*, textos acadêmicos, provas escritas e seminários. Assim, ocorre o processo de formação do futuro professor de Geografia que irá atuar na educação básica.

No decorrer do curso, com passar dos semestres, é chegado o momento do licenciando realizar o estágio supervisionado, muitas vezes, está ávido para criticar o professor da educação básica que não apresenta metodologias interessantes que despertem o interesse da classe. É nesse ponto que se percebe uma contradição: somos capazes de fazer uma leitura crítica do Ensino de Geografia nas escolas, mas avançamos pouco em metodologias para no ensino de Geografia no ensino superior. Desse modo, acredita-se que pensar numa perspectiva metodológica e significativa implica em desenvolver ações que reestruturem os conteúdos e inovem os procedimentos.

De acordo com Callai (2005), pensar/fazer Geografia significa ir além da simples descrição, "[...] É fazer a leitura do mundo da vida, construído cotidianamente e que

expressa tanto as nossas utopias, como os limites que nos são postos, sejam eles do âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade (2005, p.229).

Assim, compreende-se, que os cursos de Licenciatura em Geografia devem priorizar a formação teórica e metodológica do professor, para que dessa forma, o processo de ensino e aprendizagem tenha como ponto de partida o espaço vivido e a leitura do cotidiano para a construção do conhecimento científico pautado em conteúdos que tenham sentido na vida dos educandos.

O processo de formação docente na universidade deve ser coerente com as estratégias metodológicas que integram as práticas pedagógicas a serem desenvolvidas pelos licenciandos nas salas de aula. Assim, concorda-se com Mendes e Menezes (2013) quando afirmam que "[...]As práticas de ensino da Geografia não podem desconsiderar que os sujeitos sociais estão imersos em uma dinâmica marcada por elementos culturais e simbólicos que influenciam as suas práticas socioespaciais"(MENDES; MENEZES, 2013, p.3).

Nesse sentido, o estudo ora apresentado tem como mote a discussão de uma proposta metodológica de ensino de Geografia da Bahia pautada na construção da sala temática, pois compreende-se que esta metodologia permite a ressignificação dos conteúdos, tornando o processo de ensino e aprendizagem mais dinâmico e pleno de sentidos, uma vez que os alunos assumem função protagonista no processo.

O público alvo dessa pesquisa foi uma turma do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, no bojo da disciplina Geografia da Bahia que tem como ementa: "Formação territorial e urbana, quadro natural e socioeconômico, regionalizações e questões de desenvolvimento regional" (Plano de curso, 2017).

Assim, os alunos foram desafiados a elaborar uma sala temática a partir de dois eixos centrais: economia e cultura, sem descartar os aspectos físicos. Visto que, no viés da Geografia, não é possível refletir sobre a economia do lugar sem mencionar seus aspectos físicos (relevo, clima, vegetação) nem pensar sobre a cultura e deixar de lado a identidade, formação étnica, as crenças, culinária e a população. Com esse entendimento, Kaercher enfatiza:

> Fica claro que a relação sociedade-natureza é indissociável/eterna (logo não há por que falar em geografia física se contrapor à geografia humana). A propriedade será dada em entender como e porque os seres humanos modificam os espaços em que habitam conforme as relações sociais que estabelecem entre si. Entender a dinâmica social é fundamental, pois é a partir dela que se constroem as paisagens. E não existe relação que se dê fora do espaço, que prescinda da natureza (KAECHER, 1998, p. 11).

As ponderações do autor reiteram a necessidade de desconstruir as abordagens fragmentárias da relação sociedade natureza que vem impregnando o discurso geográfico. O ensino de geografia que se pretenda significativo deve primar por uma leitura integrada dessas dimensões, logo, dicotomizar a Geografia entre Física e Humana é algo que há muito tempo deixou de fazer sentido.

A discussão ora apresentada provém de inquietações e experimentações no âmbito do Curso de Geografia da [omitido para avaliação], motivadas pela necessidade de repensar as práticas pedagógicas no âmbito da formação de professores. Tais reflexões demonstram a preocupação em vislumbrar alternativas de pensar/fazer o ensino da Geografia de maneira mais significativa, dinâmica e coerente com a realidade dos educandos.

O artigo encontra-se estruturado da seguinte maneira: a *priori,* apresentam-se breves reflexões teóricas pertinentes ao ensino de Geografia e a formação docente. No tópico posterior, são tecidas algumas considerações metodológicas sobre a realização da pesquisa e da elaboração da sala temática, seguidas do relato das experiências vivenciadas em sala de aula e por fim, algumas reflexões sobre a realização da atividade. Assim, longe de apresentar ou impor receitas prontas de como proceder em sala de aula, espera-se que as questões aqui delineadas suscite novas reflexões sobre o pensar e fazer geográfico no chão da escola.

Ensino de Geografia: reflexões teóricas

Pensar um ensino de Geografia mais significativo e dinâmico na atualidade implica em entender que este deve estar relacionado com o mundo vivido dos sujeitos sociais, caso contrário, se tornará em mais um conteúdo vazio de significado e distante da realidade. Sobre essa questão, Cavalcanti pondera que:

> Ensinar é uma intervenção intencional nos processos intelectuais e afetivos do aluno buscando sua relação consciente e ativa com os objetos de conhecimento. O objetivo maior do ensino, portanto, é a construção do conhecimento mediante o processo de aprendizagem do aluno. A intervenção intencional própria do ato docente diz respeito à articulação de determinados objetivos, conteúdos e métodos que levem em conta as condições concretas em que ocorre o ensino e seus diferentes momentos, planejamento, realização e avaliação (CAVALCANTI, 1998, pp. 137-138).

Reconhecer o educando como protagonista do processo de ensino e aprendizagem significa corrobora o entendimento de que o conhecimento deve ser construído de forma dialógica na sala da aula, de modo a evidenciar que as práticas docentes devem estar comprometidas com esse propósito. Compreende-se que as representações dos sujeitos sociais envolvidos no processo de ensino e aprendizagem devem ser consideradas no processo, pois, como enfatiza Cavalcanti:

> [...] trata-se do professor aproveitar a riqueza na diversidade de símbolos, significados, valores, atitudes, sentimentos, expectativas, crenças e saberes que estão presentes em determinado grupo de alunos, que vive em contexto específico, que constrói identidades em situações particulares, esforçando-se para entender como cada grupo em particular elabora essa diversidade e para promover o diálogo entre as diversas formas dessa elaboração (CAVALCANTI, 2005, p. 71).

A postura do professor, como mediador do processo de ensino e aprendizagem influencia a forma como o conhecimento é produzido no âmbito da sala de aula, tanto na educação básica, quanto na formação docente nos cursos de licenciatura. De acordo com Freire (2002), refletir e adotar práticaspedagógicas mais significativas na sala de aula promovem uma maior criticidade na leitura do mundo, tendo em vista a partir desse outro olhar sobre o mundo, o sujeito é

> [...] capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformá-lo e, transformando-o, saber-se transformado pela sua própria criação; um ser que é, e está sendo no tempo que é o seu, um ser histórico, somente este é capaz, por tudo isto, de comprometer-se (FREIRE, 2002, p.17).

De acordo com as ponderações de Freire, a capacidade de operar e transformar a realidade de acordo com intenções definidas, aliadas à capacidade de refletir, integra o que o autor denomina de ação-reflexão, ou seja a práxis para o sujeito social. Assim, a Geografia exerce uma importante função na/da formação da práxis, pois instrumentaliza o sujeito para que ele desenvolva sua leitura de mundo e sociedade. Para Cavalcanti, "[...] A tarefa de formação própria ao ensino de Geografia é a de contribuir para o desenvolvimento de um modo de pensar geográfico, que compõe um modo de pensar sobre o mundo e a realidade que nos cerca" (CAVALCANTI, 2005, p. 72).

Nessa perspectiva, Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007, p. 1 73) consideram que o processo de descoberta "[...] pode aguçar a reflexão do aluno para produzir conhecimentos que não estão nos livros didáticos". Assim, os autores enfatizam que analisar as paisagens, seja do lugar em que o educando vive mora ou outra, fora de seu espaço de referência, "[...] pode suscitar interrogações que, com o suporte do professor,

ajudarão a revelar e mostrar o que existe por trás do que se vê ou do que se ouve (PONTUSCHKA et al, 2007, p. 1 73)"

Kaercher (2004, p. 41) destaca que "[...] há ainda um predomínio da Geografia mnemônica, meramente informativa na sua versão empobrecida. Um somatório de informações, sem uma teoria geral que ligue os fatos discutidos entre si e, salvo exceções,sem ligação dos assuntos vistos com a vida dos alunos", pois observa-se que as abordagens tradicionalistas ainda são recorrentes no ensino da Geografia, uma vez que prevalece transmissão de conteúdos distante da realidade vivenciada pelos educandos.

Segundo Castellar, a aprendizagem, que tem como alicerce a construção de conhecimento entende o educando como sujeito "[...] ativo na aquisição dos saberes, estabelecendo-se como objetivo prioritário a potencialização de suas capacidades de pensamento (CASTELLAR, 2005, p.39).

A construção da sala temática: caminhos metodológicos

A construção da sala temática consiste numa proposta metodológica que evidencia o protagonismo do educando no processo educativo.Assim, as etapas descritas a seguir têm o objetivo de apresentar os procedimentos metodológicos que podem ser utilizados para a elaboração da sala temática com a exposição dos conteúdos pertinentes a Geografia da Bahia.

1ª Etapa: Analisar o perfil da turma na qual a metodologia será empregada e efetivar a escolha da mesma.

2ª Etapa: Apresentar o projeto aos licenciandos de geografia. Nesse momento foi apresentada a proposta, na integra, durante a aula de Geografia da Bahia. É sorteado, pelo professor, a área da Bahia que será trabalhada por cada grupo: Litoral, Semiárido e Cerrado.

3ª Etapa: O professor elege textos basilares para discussão em sala e solicita dos discentes que realizem mais pesquisas, tais como: livro didático, artigos acadêmicos, teses, dissertações e periódicos.

4ª Etapa: Os licenciandos são orientados a buscar uma totalidade do espaço geográfico baiano sem fragmentar os conteúdos emGeografia física e humana.

5ª Etapa: Cada grupo deve ocupar uma parede da sala com cartazes, maquetes, exposição fotográfica, dentre outros. O material confeccionado deve priorizar os cinco

sentidos pelos quais apreendemos o mundo a nossa volta: Visão, audição, olfato, tato, e paladar. Inicialmente o material é confeccionado em sala de aula e finalizado em casa.

6ª Etapa: Chega o dia da exposição. Os licenciandos têm sessenta minutos para montar a sala temática. De cada grupo, dois alunos ficaram responsáveis por apresentar a sala aos visitantes. Cada apresentação deve durar no máximo sete minutos. A proposta é não entediar o visitante, mas fazer uma rápida viagem pela Bahia, do litoral ao cerrado, para estimular o observado a conhecer mais o estado.

7ª Etapa: Foram convidados para a exposição outras turmas da Licenciatura Plena em Geografia de outros semestres, professores, pais e amigos. Estes, aguardavam no corredor em fila. Um grupo de quinze pessoas entra na sala temática e faz um passeio pela Bahia. Ao término os visitantes registram por escrito um breve relato da experiência.

Uma aprendizagem dos sentidos: a sala temática como estratégia metodológica

A sala temática como proposta metodológica para o ensino de Geografia tem um resultado triplo: o primeiro, é a produção de materiais para compor a sala temática; o segundo, é a experiência do visitante; o terceiro é a aprendizagem do aluno ao pesquisar, confeccionar e apresentar sua criação.

O maior desafio na exposição da sala temática foi trabalhar os cinco sentidos (Quadro1) de forma lúdica, que é definida por Luckesi (2000) como atividades que propiciam uma experiência de plenitude, prazerosa e dinâmica para os sujeitos sociais envolvidos. Essa abordagem permite promover uma aprendizagem mais significativa e plena de sentidos, visto que a educação tradicional prioriza apenas dois deles, a saber, visão e audição.

Sentidos	Materiais produzidos ou utilizados	Informações importantes
Audição	**Litoral:** Explicações referente ao tema e a música "Cocada" de Roque Ferreira. **Semiárido:**Explicações referente ao tema e narração do Corde "Baiano" do discente Enderson Amaral. **Cerrado:** Explicações referente ao tema e música "Lamento do cerrado" de Antônio Baiano.	A Utilização da música ajudar a compor um cenário, mesmo que a letra não seja de todo compreendida, os sons embalam a narrativa da exposição oral. Assim audição e visão trabalham juntos. A declamação do cordel foi associado ao paladar: os participantes provavam a iguaria" rapadura" enquanto o aluno narrava os pontos fortes do semiárido.
Olfato	**Litoral:** Conserva de azeite de dendê **Semiárido:** Suco de uva **Cerrado:** Peixe assado e a fruta pequi	Os cheiros acentuados das iguarias apresentadas ajudaram a compor a memória olfativa de Bahia em cada visitante.
Paladar	**Litoral:** Cacau *innatura*, cacau torrado e o chocolate ao leite. **Semiárido:** Rapadura, macaxeira com carne do sol e tapioca. **Cerrado:** Arroz com pequi, doce de Buriti, milho e pamonha.	O paladar e o olfato trabalham juntos na percepção dos sabores. Algumas iguarias eram totalmente desconhecidas pelos visitantes como: cacau torrado, arroz com pequi e doce de buriti.
Tato	**Litoral:** Frutas como cacau, dendê, e maquete em tamanho ampliado. **Semiárido:** Maquete e objetos antigos como ferro a brasa, Lampião e cordéis impresso. **Cerrado:** Maquete tátil do relevo e pequi.	Muitas das exposições que visitamos nos é permitido apenas ver. A sala temática é o lugar de sentir a partir do tato. A maquete do rio São Francisco foi confeccionada com verniz vitral, assim tinha aparência de água, mas não era úmida.

Quadro 1 - Recursos produzidos e utilizados na sala temática para a discussão dos conteúdos pertinentes a Geografia da Bahia.
Org.: Queiroz, 2018.

Com base no quadro e nas experiências vivenciadas é possível considerar que o conhecimento do mundo que nos rodeia se realiza por meio dos sentidos. Assim, é imprescindível promover uma aprendizagem significativa através da experiência. É impossível levar os educandos em todos os lugares e lhes mostrar os fenômenos, mas não é a partir dessa impossibilidade, que vamos nos dar por satisfeitos com um conhecimento feito à base de leituras de respostas (COSTELLA, 2014).

O visitante e o licenciando vai se recordar da Geografia da Bahia, Litoral com cheiro, cor e sabor a partir dos diferentes aspectos (Figura 1). A Bahia não está Lá, está

Aqui no cotidiano: no falar arrastado, no doce de buriti, nas águas no Velho Chico, na flor do mandacaru, na vida de cada habitante.



Figura 1 - Painel fotográfico da sala temática, 2017.
Fonte: Queiroz, 2017.

A compreensão do lugar é imprescindível para o Ensino de Geografia, pois como enfatiza Santos, não se trata "[...] apenas de um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação

das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro. A existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo" (SANTOS, 2000, p. 114). Com esse entendimento, é possível vislumbrar os conteúdos geográficos de forma mais significativa e prazerosa.

A elaboração da sala temática se constitui como uma estratégia metodológica valiosa e viável para a construção do conhecimento significativo, pois ao mobilizar os licenciandos tanto as atividades de pesquisa, quanto na produção dos materiais e na organização e apresentação da sala, eles se tornam protagonistas do processo educativo. A Figura 2 apresenta uma síntese dos aspectos mais significativos, presentes nas narrativas dos discentes envolvidos na realização da atividade:



Figura 2 - Síntese dos aspectos mais significativos das narrativas sobre a realização da atividade. Org.: Autores, 2018.

Dentre as narrativas dos visitantes, um adjetivo consagrou a metodologia como popular, e é assim que deve ser o ensino de geografia, sempre democrático e acessível. No ensino superior os licenciandos são formados geógrafos que por sua vez formarão cidadãos conscientes do espaço em que vivem e produzem cotidianamente.

A sala de aula se constitui como um espaço de troca e construção dos saberes para professores e educandos (FREIRE, 1996). Apesar de existirem outras formas de apreensão de conhecimento, este espaço permanece como o *locus* privilegiado da formação, pois vai além do acúmulo de informações.

Nesse sentido, considera-se essencial refletir sobre as práticas pedagógicas adotadas pelo professor, uma vez que estas são fundamentais para que o processos de ensino e aprendizagem seja bem sucedido.

Referências Bibliográficas

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. In: **Cad. Cedes, Campinas**, v. 25, n. 66, p. 227-247, 2005.

CASTELAR, Sonia. (Org.). A psicologia genética e a aprendizagem no ensino de Geografia. In: CASTELAR, S. (Org.). **Educação geográfica:** teorias e práticas docentes. São Paulo: Contexto, 2005.

CAVALCANTI, Lana. de Souza. Ensino de Geografia e diversidade: Construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. In: CASTELAR, S. (Org.) **Educação geográfica:** teorias e práticas docentes**.** São Paulo: Contexto, 2005. p. 66-78.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários a prática educativa. 25ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 26ª ed. São Paulo. Ed. Paz e Terra, 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Educação, ludicidade e prevenção das neuroses futuras: uma proposta pedagógica a partir da Biossíntese. In: LUCKESI, Cipriano Carlos (org.) **Ludopedagogia - ensaios**: educação e ludicidade. Salvador: Gepel, 2000. p.83-102.

KAERCHER, Nestor Andre. **A Geografia escolar na prática docente**: a utopia e os obstáculos epistemológicos da Geografia crítica. São Paulo. 1998. Tese (Doutorado em Geografia Humana – Universidade de São Paulo).

PONTUSCHKA, N. N., PAGANELLI, T. I., e CACETE, N. H.**Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização***:* do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2000.

COSTELLA, Roselane Z. Ensinar o quê...para quê...quando... Desafios da geografia na contemporaneidade. In: MARTINS, Rosa Elisabete M. W.; TONINI, Ivaine M.; GOULART, Ligia B. **Ensino de geografia no contemporâneo:** experiências e desafios. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2014, p. 188 –205.

Recebido em 08 de agosto de 2018.

Aceito para publicação em 05 de maio de 2019.